

# Estratégia militar soviética

■ Ives Gandra da Silva Martins

Especial para o DCI

Até 1970, a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo mantinha cursos de pós-graduação apenas em nível de especialização. Cursamos, naquele ano, o ministrado na Cadeira de Ciência de Finanças. E apresentamos, ao final, tese intitulada "A teoria do limite crítico das despesas de segurança". Esta, obtendo da banca examinadora o grau máximo, com louvor, foi posteriormente publicada em livro (Desenvolvimento Econômico e Segurança Nacional - Teoria do Limite Crítico, Ed. Bushatsky, 1971) e prefaciada pelo professor Roberto de Oliveira Campos.

Na ocasião, procurei traçar um paralelo entre o desenvolvimento econômico e tecnológico do mundo e as despesas militares, assim como sugeri uma linha divisória entre aquelas despesas que produziriam a referida evolução e aquelas outras que terminariam por representar peso excessivo nos orçamentos nacionais.

Apesar de a edição ter-se esgotado em menos de um ano e ter sido procurado para reeditá-la, não o fiz pelo excessivo trabalho que implicava a reatualização dos dados concernentes aos equipamentos militares, ponto que mais tomara tempo na elaboração da tese universitária.

Não obstante não ter retornado ao assunto na sequência da vida profissional, ficou a memória do fastidioso trabalho de levantamento de informações sobre a história das guerras, seus impactos econômicos, sociais e políticos e o estilo pertinente aos povos que adotaram maneira de ser mais ou menos belicosa, no fluir dos anos.

Toda essa longa introdução para um curto artigo trago aos leitores do "Diário Comércio & Indústria" a fim de justificar minha opinião sobre o frio assassinato de 269 cidadãos do mundo em incrível mas natural estratégia política do governo soviético. Isto porque, à época, tendo estudado em profundidade o estilo de condução desse tipo de despesas pelas ditaduras socialistas, nunca afastei a utilização de esquemas semelhante para impor respeito, testar soluções militares e ou equacionar divergências internas, à custa de vidas humanas, que é o elemento de menor relevância para a detenção do poder das "monarquias gerontocráticas socialistas".

De início, erram os analistas do Ocidente quando dizem que teme a classe dirigente soviética qualquer repercus-

são da opinião pública mundial. Como esta é sufocada na própria Rússia, única que lhe poderia trazer qualquer problema, a opinião do resto do mundo, onde ainda não lançou seus tentáculos autocráticos, é absolutamente desprezada e desprezível. Tanto é verdade não se importar que as tropas russas invadiram a Alemanha Oriental, a Hungria, a Tchecoslováquia, o Afeganistão, sobre manterem o taco militar delegado em cima da classe trabalhadora polonesa, tornando claro que o seu "marxismo" nada tem a ver com o pregado por Marx. Isto porque fala Marx em "ditadura do proletariado" e exercem, os países socialistas, que se dizem marxistas, uma "ditadura sobre o proletariado".

Ora, na medida em que a opinião pública mundial é desdenhável e de que o que interessa é o Poder e este não pode senão ser exercido à custa da servidão humana, há de se compreender que o Estado se confunde com a classe dirigente e os seus governados são meros instrumentos para realização daquela, cujas crises, no velho estilo dos impérios e monarquias da história, são equacionadas, em nível e golpes intestinos. Fora do alcance e julgamento dos servos, assemelhados aos "escravos da gleba" do período feudal.

Sob essa perspectiva, o ato de assassinar 269 pessoas não foi nem acidente de avaliação, nem certeza de que o avião comercial pretendia detectar posições soviéticas, sob o disfarce de erro de desvio de rota. Foi um ato deliberado. Definitivamente colocado dentro de uma estratégia global.

Estando convencido ser essa a hipótese, trago para a reflexão dos leitores do "Diário Comércio & Indústria" uma das hipóteses viáveis para sua análise.

O governo soviético poderia ter pretendido, simplesmente, testar a capacidade de inutilizar, por alguma aparelhagem recém-desenvolvida, todos os meios de comunicação convencionais que poderiam provocar o pânico, em eventual guerra, pela desestabilização total dos veículos de comandos entre seus tradicionais inimigos.

O Boeing 747 é dotado de equipamentos duplicados ou triplicados para que haja segurança absoluta em suas comunicações, comunicações estas que foram realizadas normalmente até o avião ter sido presumivelmente desviado de sua rota pelos caças soviéticos (leia-se o artigo de Lenildo Tabosa Pessoa no JT de 5.9.83).

O Ocidente, por seus serviços de de-

tectação, acompanhou o vôo solitário dos 3 aviões russos e da aeronave coreana, detectando as conversas dos soviéticos, mas sem nenhum contato com a aeronave coreana, que antes seguia e tinha contatos normais com os condutores de sua rota.

Não só pelas técnicas conhecidas, haveria a possibilidade de reconduzir um avião em pane para sua rota normal, como o tempo levado na escolta foi bastante longo para que, de diversas formas, se pudesse reorientar a aeronave perdida, se ela realmente estivesse perdida.

O mais provável é que a aeronave coreana fora aprisionada pelos aviões russos que, por sinais, a fizeram acompanhar o roteiro por eles traçado, enquanto testavam seus equipamentos silenciadores de sistemas convencionais de comunicação, durante as duas horas e meia.

A longa escolta para a morte visou permitir que os serviços de segurança dos Estados Unidos detectassem o incidente para que soubessem o que iria acontecer, assim como a liquidação da aeronave fazia-se necessária para que seus comandantes, uma vez saídos da esfera de atuação dos silenciadores, não viessem a dar informações sobre a forma de não-funcionamento dos equipamentos.

O sacrifício de vidas humanas, ato de nenhuma relevância para quem detém o Poder à custa delas, foi a decorrência normal da estratégia adotada.

Quando preparamos a nossa tese para a Faculdade de Direito da USP, presentíamos que, com a capacidade atual de cada superpotência de aniquilar a outra, em uma guerra nuclear, o problema de uma eventual guerra deve ser colocado em outro patamar. Apenas quem tiver a capacidade de anular o sistema de comunicações do adversário poderá vencer uma possível guerra nuclear. Ora, às vésperas de novas reuniões sobre o desarmamento, pretendiam os russos mostrar que encontraram os meios, levando um trunfo muito forte para as futuras discussões. Por essa razão, talvez o governo norte-americano tenha decidido continuá-la para reformular sua estratégia global, admitindo-se tenha sido esta a meta pretendida pelo governo soviético.

Só o futuro dirá. Carl Segal (Cosmos, EUNB, 1982) chama a era atual de adolescência tecnológica da humanidade e põe suas dúvidas de que o homem possa sobreviver à sua imaturidade de técnica. São também minhas as suas preocupações.

DCI 24.09.1983